

MINAS GERAIS

20 Bombinhas, morteiros e rojões vencem Plano Collor

SANTO ANTÔNIO do MONTE, MG — Sem desemprego nem crise econômica e com sua principal atividade industrial — fabricação de fogos de artifício



— funcionando a plena capacidade, a cidade de Santo Antônio do Monte, com 30 mil habitantes, no Oeste de Minas, escapou sem grandes traumas das mudanças econômicas introduzidas pelo Governo Collor. Em média, 600 mil dúzias de foguetes, morteiros, bombinhas e rojões são produzidos, mensalmente, nas sete principais empresas e outras 300 pequenas indústrias espalhadas pelo Município, maior fabricante de fogos pirotécnicos da América Latina.

Incapaz de atender à oferta de emprego, o município busca mão-de-obra nas cidades próximas, principalmente Lagoa da Prata, a 29 quilômetros. Os empresários travam verdadeira guerra para conquistar funcionários dos concorrentes, pagando salários acima da média.

Na procura de empregados, as empresas arregimentaram praticamente toda a mão-de-obra disponível, inclusive crianças e velhos. A pobreza absoluta desapareceu de Santo Antônio do Monte, e a renda familiar elevou o nível social de vida. Da receita da Prefeitura, 90% vêm do IPI das indústrias de fogos.

“Procura-se empregada doméstica. Paga-se bem.” Este anúncio é feito com insistência, todos os dias, pelas donas-de-casa, nas rádios desta cidade do Oeste de Minas. As indústrias locais absorvem toda a mão-de-obra disponível, e não adianta oferecer salários melhores para resolver o problema: as empresas de fogos acenam com vantagens mais significativas, como assistência médica e odontológica, fim de semana remunerado, jornada de trabalho de seis horas, alimentação, área de lazer e transporte. Com a chegada das festas juninas e da Copa do Mundo, aumentou a oferta de emprego, e as mulheres sem qualificação não querem nem saber de serviços domésticos.

Os operários de Santo Antônio do Monte não ganham menos de dois salários-mínimos. A qualidade de vida ainda é melhorada pelas vantagens que as indústrias oferecerem.

Nem mesmo os deficientes escapam das ofertas de emprego. Marcos Antônio da Costa, 18 anos, e Osni Ribeiro, 34, cegos de nascimento, orgulham-se de ser considerados os melhores amarradores de cartucho da cidade. Ao lado da mãe, Judith de Moura Costa, de 58 anos, e dos cinco outros membros da família, eles ocupam o dia nas suas tarefas, tendo apenas um rádio como lazer, numa modesta casa próxima ao Centro da Cidade. Constantemente são assediados pelas indústrias. Dona Judith informou que seus filhos recebem Cr\$ 150 por lote de mil cartuchos.

Em Santo Antônio do Monte, trabalhar é muitas vezes terapia. Os 14 velhinhos do Asilo São Vicente de Paula ganham Cr\$ 1,50 por cada “tabinha” (corruptela de tabuinha) de palitos de foguete preenchida. A tarefa, simples, consiste em fixar os pavios dos foguetes. Marilene Aparecida Botelho, responsável pelo asilo, diz que os idosos têm dificuldades até para tomar banho, mas não dispõem as “tabinhas”.

Mesmo não sabendo a renda per capita do Município, a Secretária Municipal da Fazenda, Graciney de Souza Silva Matos, garante que a renda dos habitantes é boa, até comparada à de lugares mais desenvolvidos.

— Aqui só não trabalha quem não quer. Não temos filas de pobres na porta da Prefeitura. Os aposentados ganham dinheiro extra prestando pequenos serviços. A indústria local não se diversificou, mas a concentração industrial em praticamente um setor tornou o município forte economicamente — diz a Secretária.

Segundo ela, os empresários não pensam duas vezes na hora de ajudar obras assistenciais, como abrigos e até escolas públicas. A cidade não tem problemas de vagas nas instituições de ensino e pretende criar uma universidade. Nas três agências bancárias da cidade — Caixa Econômica Estadual, Banco Nacional e Banco do Brasil — os gerentes afirmam que os negócios são mais que suficientes. Outros bancos já pensam em abrir agências para receber os milhões das indústrias, que não estão recorrendo a empréstimos, apesar de investirem em tecnologia.

Telefoto de Antônio Lara



Para os velhinhos do Asilo São Vicente de Paula, o trabalho de afixar pavios em tabuinhas é, também, terapia

Telefoto de Antônio Lara



O rádio distrai Judith ao fazer foguetes